

GINÁSTICA PARA TODOS (GPT) NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTADO DA ARTE

GYMNASTICS FOR ALL (GFA) IN THE SCHOOL CONTEXT: A STATE OF THE ART

Gustavo Bernardes Padovan Branquinho¹
<https://orcid.org/0000-0001-9252-5004>

Karolina Silva Santiago²
<https://orcid.org/0000-0003-1957-6395>

Neil Franco³
<https://orcid.org/0000-0002-1276-8901>

Resumo:

Elaboramos um estado da arte sobre Ginástica Para Todos (GPT) no contexto escolar a partir da pesquisa em periódicos nacionais de Educação Física (EF) e áreas correlatas, entre 1979 e 2020. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa de caráter inventariante e bibliográfico. Vinte e um periódicos integraram a amostra. No geral, encontramos 69 artigos sobre GPT em 16 dessas revistas, sendo 34 enfocando o contexto não escolar, 23 o escolar e, 12, ambos os contextos. Os estudos sobre o contexto escolar enfocam tanto discentes como docentes, ressaltando as diferentes manifestações da GPT no currículo, na pedagogia, na pesquisa, na extensão, na formação universitária, profissional e no cotidiano escolar. Evidencia-se uma predominância da abordagem qualitativa de pesquisa, sendo que a maioria dos estudos se sustentam em análises de dados empíricos e em bases teóricas críticas. A GPT é exaltada como uma possibilidade significativa para o ensino da ginástica e, conseqüentemente, da EF na escola.

Palavras-chave: Ginástica Geral; Ginástica Para Todos; Estado da arte; Escola.

Abstract:

We elaborated a state of the art on Gymnastics for All (GFA) in the school context from research in national periodicals on Physical Education (PE) and related areas, between 1979 and 2020. It is a quantitative and qualitative research with an inventory and bibliographic character. Twenty-one periodicals were part of the sample. Overall, we found 69 articles on GFA in 16 of these journals, 34 focusing on the non-school context, 23 on the school context, and 12 on both contexts. Studies on the school context focus on both students and teachers, highlighting how different manifestations of GFA are in the curriculum, pedagogy, research, extension, university,

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

² Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

professional and non-school education. There is a predominance of the qualitative research approach, and most studies are based on empirical data analysis and on critical theoretical bases. GFA is praised as a reduced facility for teaching gymnastics and, consequently, PE at school.

Keywords: General Gymnastics; Gymnastics for All; State of art; school.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Federação Internacional de Ginástica (FIG), a prática gímnica que por muito tempo foi associada exclusivamente às competições, como campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos, é também uma atividade corporal que pode ser praticada por qualquer pessoa, desde a mais tenra idade até o mais idoso, de qualquer gênero, cor, raça, credo e capacidade física ou intelectual.

Assim, a denominação Ginástica Geral (GG) foi proposta pela FIG no final da década de 1970 e início dos anos de 1980 com o intuito de diferenciar as modalidades de ginástica competitiva e não competitiva; sendo, com relação às modalidades não competitivas, a melhor expressão encontrada que pudesse representar “ginástica em geral” ou “ginásticas em suas bases”, assim como permitia uma melhor forma de compreensão dessas expressões em diversos idiomas (AYOUB, 2003). Em 2007, a FIG alterou a nomenclatura dessa modalidade para Ginástica Para Todos (GPT) acreditando que a expressão GG ainda não conseguia representar a diversidade de manifestações da cultura corporal que a integra, assim como alcançar o entendimento da modalidade em todas as nações (MAROUN; CORREA, 2014).

Nessa perspectiva, a GPT carrega como princípios a diversão, os fundamentos ginásticos, a boa forma e a amizade (FIG, 2020); princípios esses que fundamentam seu trajeto, culminando na definição que a própria FIG define como um domínio da ginástica direcionada para o lazer, envolvendo atividades no campo da ginástica (com e sem aparelhos), dança e jogos, de acordo com as preferências nacionais e culturais de cada federação. Enfoca, ainda, quatro pontos essenciais: fascinação, ginástica para todos, campanha de propaganda mundial da FIG e um objetivo comum a todas as federações: “participem todos” (AYOUB, 2003). Desse modo, o lazer, a criatividade, a coletividade, a sociabilidade e a possibilidade de inspiração no campo da arte consistem em orientações básicas para o desenvolvimento da GPT.

Desse modo, trata-se de uma vertente que possui um grande potencial de transformação dentro do contexto cultural que, por sua vez, insere-se no cerne dos processos educacionais proporcionados, em especial, pela Educação Física (EF), que trabalha diretamente com manifestações da cultura corporal dentro do contexto escolar (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Dessa forma, trabalhar com a GPT dentro da escola significa fornecer ferramentas como a vivência, o conhecimento, o estudo, a compreensão, o confronto, a interpretação, a problematização, o compartilhamento e, enfim, a apreensão de inúmeras interpretações sobre ginástica que possibilitam a busca por novos significados e possibilidades de expressão gímnica (FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 2001).

Encontramos na literatura outros estudos que confirmam essa afirmativa (GALLARDO, 2008; PAULA *et al.*, 2000; MAROUN, 2015; GAMA, 2012), entretanto, na tentativa de

angariarmos argumentos mais propositivos, não encontramos estudos com grandes amostras, ou mesmo revisionais, que evidenciassem a prática da GPT na escola de forma mais específica. Todavia, há aqueles que trazem abordagens mais gerais sobre a produção desse tema (BEZERRA *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2015; CARVALHO *et al.*, 2018; ANDRADE; MACIAS, 2020; MENEGALDO; BORTOLETO, 2020; PATRÍCIO; BORTOLETO; TOLEDO, 2020).

A partir dessas evidências, surgiram as questões que delinham este estudo: considerando a relevância da GPT como um caminho para ressignificação da ginástica - conteúdo da EF escolar - de que forma essa temática tem sido problematizada como objeto de investigação no âmbito educacional? Qual o perfil pedagógico que compõe os estudos sobre GPT escolar? Que contribuições trazem esses estudos para a legitimação da GPT na EF escolar?

Dentro do que nos propomos investigar, inspirou-nos o estudo de Andrade e Macias (2020) que investigou a GPT em periódicos brasileiros entre 1980 e 2018, numa abordagem quantitativa. Destacaram o número de publicações em cada ano dos períodos em que a GPT foi tematizada, assim como as temáticas abordadas nas produções e as referências mais utilizadas. Encontraram 34 publicações em forma de artigo em 12 periódicos. Os autores ressaltaram que a maior parte da produção em GPT enfatiza a escola e a formação profissional, aspecto que coincide com a afirmativa de Gallardo (2008) sobre a representatividade da GPT na prática pedagógica da EF nas dimensões comunitária e escolar, contudo, como a vertente de estudo de Andrade e Macias (2020) é quantitativa, não temos informações claras sobre a dimensão dessa vertente pedagógica anunciada.

Desse modo, buscando responder a essas questões, propomos um estado da arte sobre GPT em periódicos nacionais da área da EF com o intuito de revisar e ampliar o trajeto já elaborado por Andrade e Macias (2020), numa perspectiva quanti-qualitativa, construindo um “inventário” (FERREIRA, 2002) descritivo e analítico sobre a GPT e sua inserção no contexto escolar⁴.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é de abordagem quanti-qualitativa, em que realizamos um “estado da arte” sobre os significados atribuídos pela produção de conhecimento sobre EF em relação às discussões referentes à GPT no contexto escolar.

Segundo Ferreira (2002), as investigações que se propõem à realização de um estado da arte são definidas como pesquisa bibliográfica e “de caráter inventariante e descritivo”. Assumem o desafio de mapear e discutir acerca de produções acadêmicas, com o intuito de responder sobre que aspectos e dimensões, épocas e lugares, formas e condições se constituem esses campos e, assim, dedicar-se à análise de variadas fontes. Para este estudo, as fontes foram periódicos voltados para a EF e áreas correlatas.

O estudo se define metodologicamente em duas etapas: uma de coletas de dados e outra etapa destinada à categorização, descrição, análise e discussão do material levantado.

⁴ Esta investigação foi financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa: Corpo, Cultura e Diferença da Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF.

ETAPA DE COLETA DE DADOS

Retomando o lócus de busca realizada por Andrade e Macias (2020), iniciamos nossas buscas em periódicos nacionais, com destaque para aqueles específicos da área da EF, consistindo no primeiro momento da coleta de dados.

Conferimos, através da busca pelos descritores “Ginástica”, “Ginástica Geral”, “Ginástica para todos”, “Ginástica demonstrativa” e “GPT”, nas seguintes revistas: Cadernos de Formação RBCE, Educere et Educare, Extramuros, Motriz, Movimento e Percepção, Revista Brasileira de Medicina do Esporte (RBME), Revista Contemporânea de Educação (RCE) e Revista Mackenzie de EF e Esporte (RMEFE). A proposta foi revisar o recorte temporal de Andrade e Macias (2020) que se encerrou em 2018 e ampliá-lo até 2020.

Além desta revisão, estendemos a pesquisa, ainda por descritores, para os periódicos: Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde (RBAFS); Revista de Educação Física (REF/UEM); Caderno de EF e Esporte (CEFE); Revista Brasileira de EF e Esporte (RBEFE) e Arquivos em Movimento. Já nos periódicos Conexões, Corpoconsciência, Motrivivência e Pensar a Prática, a busca por artigos foi feita revisando cada volume lançado desde a criação das revistas. Também estendemos essa busca nos periódicos: Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM); Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE) e Movimento. Somamos, assim, um total de 20 periódicos.

Levando em consideração as possibilidades de falhas em qualquer coleta de dados, chamou-nos a atenção que temos registros de uma publicação sobre GPT na RBCM - periódico investigado por Andrade e Macias (2020), que não foi informado pelos autores. Dessa forma, visitamos todas as edições da RBCE e da RBCM, averiguando atentamente cada edição disponibilizada por esses periódicos, uma vez que, por terem sido criadas, respectivamente, em 1979 e 1987, várias edições foram disponibilizadas em formato de um único arquivo de PDF, o que pode gerar equívocos na busca por descritores ou palavras chaves no ícone de “pesquisa” dessas revistas.

Cabe citar outras duas incongruências que encontramos relacionada às buscas de Andrade e Macias (2020). Ao refazer a pesquisa bibliográfica na revista Conexões, entre 1980 e 2018, encontramos 29 artigos sobre GPT, a despeito dos 20 encontrados pelos autores. Já na busca pelo site do periódico Extramuros, identificamos 02 estudos sobre GPT no ano de 2018, diferente do único apontado pelos autores. Esse artigo talvez não tenha sido identificado por Andrade e Macias (2020) devido à data de publicação do volume (v.06 n. 01 de 2018) ter sido após a finalização da busca feita por eles.

Para além dos periódicos investigados por Andrade e Macias (2020), cuja seleção foi direcionada pelas buscas em bases de dados pelo tema GPT realizado pelos autores, nossas escolhas se pautaram primeiramente por aqueles periódicos de significativa influência no campo da Educação Física, em especial por sua disponibilidade em plataformas digitais gratuitas, portanto, de fácil acesso. Na sequência, no segundo momento da coleta de dados, nosso foco foi ampliar as buscas por artigos sobre GPT em bases de dados de pesquisa acadêmica.

Nas buscas no Google Acadêmico, devido a sua alta abrangência de dados, sentimos a necessidade de selecionar os seguintes filtros em “busca avançada”: com todas as palavras

“artigo”; com a frase exata (termos de busca); sem as palavras “artística, rítmica, academia, aeróbica, laboral”. Após a busca pelos termos, obtivemos os seguintes resultados: Ginástica Geral (205), Ginástica Para Todos (57), GPT (109) e Ginástica Demonstrativa (1). Dentre projetos políticos pedagógicos, cronogramas de disciplinas, anais de congressos, publicações do Fórum Internacional de Ginástica Geral, publicações pagas, artigos não publicados, volumes organizados por autores e muitas outras publicações de temas relacionados à EF e ginástica citando em algum momento a GPT, mas que não a tinham como enfoque, somente um artigo novo foi encontrado além daqueles que já constavam em buscas anteriores.

Ao realizar a busca na base de dados Bireme, com o filtro “Título, resumo, assunto”, o resultado da busca pelo descritor “Ginástica Geral” (entre aspas) foi de 06 artigos, dos quais, 03 não tratavam pertinentemente do tema e 03 já haviam sido identificados em outras revistas. Com o termo “Ginástica Para Todos”, foram 07 achados, dos quais 06 já constavam em nossas buscas anteriores e um apenas citava a GPT, mas não a tratava como tema central. Quando inserido o termo GPT percebemos que o sistema de busca não o identificava como um termo registrado, encontrando artigos de temas aleatórios que continham as iniciais distribuídas em seus títulos. Assim, optamos por selecionar o filtro “descritores de assuntos” e o resultado foi “nenhum artigo”. O mesmo se deu com a busca por Ginástica Demonstrativa.

No levantamento por Ginástica Geral, GPT e Ginástica Demonstrativa na base de dados Scielo obtivemos semelhante resultado. Na procura pelo termo Ginástica Geral (sem aspas) encontramos 25 artigos, dos quais apenas um já identificado por nós, tratava do tema. Já na busca pelo termo “Ginástica Para Todos” (com aspas) encontramos 17 resultados, dos quais dois que tratavam do tema já constavam em nosso acervo.

Portanto, utilizando dos descritores mencionados nas buscas em três das mais relevantes bases de dados sul-americanas localizamos somente um novo artigo, oriundo da Coleção Pesquisa em EF (CPEF). Para finalização do levantamento, retomamos as páginas de todos os periódicos para verificar possíveis atualizações dos dados, partindo dos mesmos descritores. Até janeiro de 2021 não havia novas publicações.

Assim, 21 periódicos delinearam nosso lócus investigativo, dos quais 19 são estreitamente relacionados à área da Educação Física, 02 à área de Educação (RCE e Educere et Educare) e 01 à extensão universitária (Extramuros).

ETAPAS DE CATEGORIZAÇÃO, DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Após a conclusão da coleta de dados, dedicamo-nos à leitura cuidadosa das publicações e fichamento do material coletado para, em seguida, realizar o levantamento quantitativo do material, na tentativa de elencar o movimento epistemológico de constituição deste campo, destacando, assim:

- 1) O ano em que essas publicações passaram a integrar o panorama investigativo dos periódicos e possíveis demarcadores (legais, por exemplo) que poderiam justificar tal inserção;
- 2) Verificar a procedência dessas publicações quanto às revistas nas quais foram publicadas.

3) Elencar sobre quais contextos (escolar, não escolar, ou ambos) versam essas investigações.

Apresentaremos breves apontamentos sobre os dados gerais do material levantado e nos deteremos de forma mais pontual nos artigos referentes à relação GPT no contexto escolar por ser esta a ênfase deste estudo. Assim, no processo de descrição, análise e discussões focaremos em:

4) Categorizar os dados baseando-nos na divisão dos níveis de ensino, como também adicionamos outras categorias que se fizeram necessárias. Como foco essencial na justificativa de relevância dessa investigação, nesta etapa foi realizado somente a descrição das publicações de cada categoria com o intuito de construir um inventário sobre GPT nos periódicos nacionais da EF e áreas correlatas.

5) Identificar os tipos de abordagens investigativas (empíricas e/ou bibliográficas) e metodologias de pesquisa que sustentam esses estudos, bem como analisar e discutir as publicações descritas.

6) Mostrar quais instituições tem se dedicado a essa temática e em quais regiões do país.

7) Considerando a histórica relação entre gênero feminino e as atividades relacionadas ao universo da dança e da ginástica, entender se indícios dessa prerrogativa podem ser evidenciados no interesse investigativo sobre a GPT no contexto escolar.

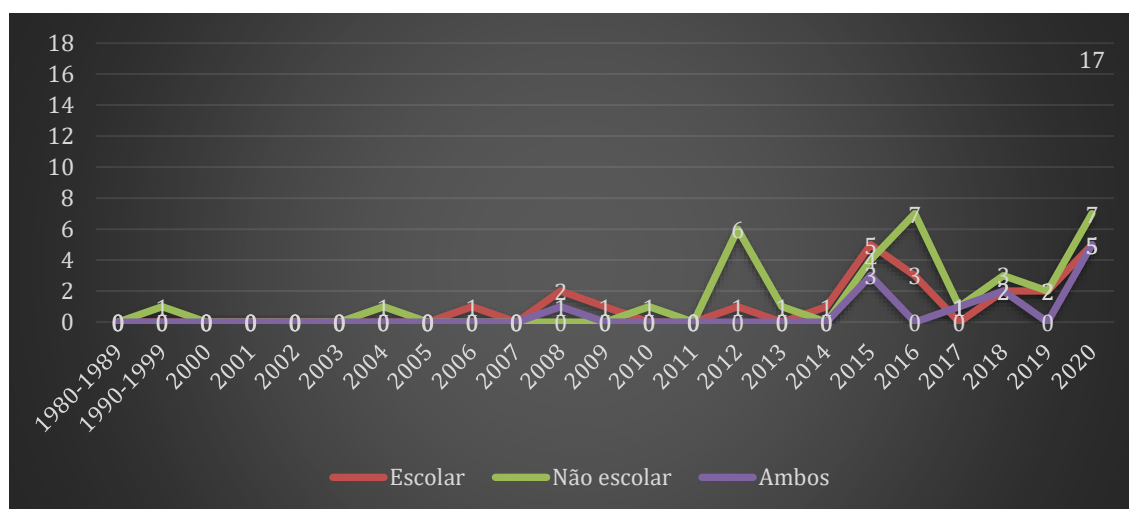
8) Elencar nos estudos levantados os referenciais teóricos predominantes que norteiam as discussões sobre GPT no meio educacional.

Assumimos como referencial teórico-metodológico as teorias críticas para as análises e discussões do material devido à representativa influência de produções como o Coletivo de Autores (1992), Bracht (1999), Ayoub (2003) e outros para o campo da EF.

GPT NOS PERIÓDICOS NACIONAIS: O PANORAMA DA PESQUISA

No levantamento realizado nos 21 periódicos, assumindo um recorte temporal entre 1979 e 2020, 69 publicações sobre GPT foram encontradas em 16 dessas revistas.

Gráfico 01 - Artigos de GPT e ano de publicação



Fonte: os autores.

Os períodos com mais representatividade na produção de conhecimento sobre GPT pela via de periódicos científicos foram os anos de 2015 e 2020, devido a publicação de dois dossiês sobre a temática sendo um na revista Conexões e outro na Corpoconsciência, respectivamente.

O primeiro estudo identificado sobre GPT nos periódicos foi no ano de 1992. Na sequência, o tema volta a aparecer em 2004 e 2009, porém, o gradual incremento nas publicações só aconteceu a partir de 2012. Esse fato parece evidenciar, como mostra Lima *et al.* (2015), que o crescimento da produção científica na área da Ginástica está atrelado à influência da criação de programas de pós-graduação em EF no Brasil, em específico, pelo aumento expressivo que ocorreu em meados do ano 2000.

No panorama geral, percebemos que, considerando o recorte temporal de 40 anos e os 21 periódicos pesquisados, a produção acadêmica sobre GPT ainda é tímida, assim como reconheceram Kauffman *et al.* (2016).

A seguir, descreveremos a distribuição geral das publicações de GPT entre as 21 revistas.

Quadro 01 - Publicações de GPT por periódico

Periódico/Contexto	Não escolar	Ambos	Escolar	Total
Conexões	19	04	10	33
Corpoconsciência	09	03	04	16
Motrivivência	01	01	01	03
Pensar a Prática	-	02	01	03
Movimento e Percepção	01	-	01	02
Extramuros	02	-	-	02
CEFE	-	01	-	01
Cadernos de Formação RBCE	-	-	01	01
CPEF	01	-	-	01
Educere et Educare	-	-	01	01
Motriz	-	-	01	01
RCE	-	-	01	01
REF/UEM	-	-	01	01
RMEFE	-	-	01	01
RBCE	-	01	-	01
RBCM	01	-	-	01
Arquivos em Movimento	-	-	-	0
Movimento	-	-	-	0
RBAFS	-	-	-	0
RBEFE	-	-	-	0
RBME	-	-	-	0
Total	34	12	23	69

Fonte: os autores.

Como descrito no Quadro 01, duas revistas abarcam cerca de 70% das publicações, sendo a revista *Conexões* a mais expressiva com 33 (47,8%) artigos. Este quantitativo pode ser justificado pelos três números especiais sobre o tema publicados por ela e também por ser um periódico vinculado à Faculdade de EF da UNICAMP - instituição referência em investimentos no ensino, pesquisa e extensão na área de ginástica com especial destaque para a GPT. O outro periódico com destaque foi a *Corpoconsciência*, que contou com um dossiê com 10 publicações sobre GPT publicado no ano de 2020, totalizando 16 (23,2%) publicações desde sua criação.

Evidenciamos o contexto não escolar como o mais representativo ao identificarmos o foco das produções, contando com 34 artigos (49,3%). Essa prevalência dos trabalhos sobre ginástica ao aspecto não educacional alinha-se com o que foi encontrado por Ferreira, Almeida e Franco (2019) e Carbinato *et al.* (2017) ao investigarem a Ginástica em periódicos da EF. Fazendo a média dos resultados encontrados nos dois estudos, temos o valor de 17,5% publicações de ginástica na área educacional. Entretanto, diferente do que eles apontaram, sobre a GPT, identificamos 33,3% (23) das publicações totais nessa categoria. Essa diferença, em nossa opinião, deve-se, além de outros fatores, à característica pedagógica, inclusiva e não competitiva da GPT, que a permite melhor se inserir nas propostas curriculares de EF nas escolas, assim como apontado por Ayoub (2003), Seron *et al.* (2008); e ao aumento de preocupação da inserção da GPT nas bases de ensino, apontado por Silva *et al.* (2015) e Carvalho *et al.* (2018).

Já estudos que conciliam aspectos de ambas as vertentes (escolar e não escolar), como também aqueles de caráter bibliográfico e epistemológico, foram contabilizados na categoria “Ambos” e contou com 12 (17,4%) publicações. Destaca-se nesses estudos uma linha tênue separando contexto escolar e não escolar. Neste trajeto, Gallardo (2008) reflete sobre o profissional da área de EF em relação à GPT, mostrando a ginástica sob um olhar diferente, em que a pedagogia da GPT não esteja ligada apenas ao ensino de habilidades para uma performance e sim um espaço para aprimorar valores humanos e físicos, não diferenciando sua abordagem no ensino escolar e no comunitário (entendido aqui como a educação não formal).

GPT NO CONTEXTO ESCOLAR: ANÁLISE E DISCUSSÕES

Dos 23 artigos sobre GPT e contexto escolar, 17 são empíricos e 06 são bibliográficos. Dos empíricos, 14 são de caráter qualitativo, 02 são quantitativos e um quanti-qualitativo, sendo que o instrumento de coleta mais usado foi o questionário, seguido da entrevista e da observação. O grande quantitativo de estudos empíricos já era esperado por nós visto que é característico de pesquisas da EF e da ginástica terem maior componente experimental.

Já o questionário como instrumento de coleta de dados mais representativo, reafirma o que verificou González Rey (2005) ao entendê-lo como mais apropriado a pesquisas de abordagem qualitativa, pelo fato de, como a entrevista, oferecer ao pesquisador material interpretativo construído a partir das expressões e percepções do sujeito em relação ao mundo social. Tratando dos estudos bibliográficos, verificamos que todos, exceto um (quanti-qualitativo), são qualitativos.

Considerando que dos 23 artigos de GPT no contexto escolar apenas 04 deles não são de cunho qualitativo, parece exaltar uma tendência anti-hegemônica ao que se encontra em parte das pesquisas atreladas ao campo ginástico e esportivo, nas quais predomina um forte viés biologista

e tecnicista, que se ancoram, na maioria das vezes, em abordagens quantitativas (BRACHT, 1999; FERREIRA; ALMEIDA; FRANCO, 2019).

Acreditamos que esse padrão não se seguiu nas produções de GPT devido ao seu caráter pedagógico, não competitivo e inclusivo, para o qual necessita de uma abordagem mais subjetiva e contextualizada, portanto, qualitativa; seja ao falar da formação docente inicial ou continuada, seja ao se tratar da forma como esse conteúdo afeta o corpo discente. Com isso, ressaltamos que essas pesquisas qualitativas, também por tratarem do ambiente educacional, buscam desenvolver análises e discussões sobre seus sujeitos entendendo-os como envolvidos em “relações sociais complexas e dinâmicas” (BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011).

Dessa forma, 06 estudos exaltam docentes que atuam na Educação Básica. Seja através de entrevistas, questionários ou relato de experiência, esses autores quase sempre procuravam identificar aspectos que envolvessem a GPT e a percepção de seus efeitos no corpo discente, assim como os níveis de conhecimento sobre o tema e de domínio pedagógico dos docentes (RAMOS; VIANA, 2008; GAMA, 2012; GALLARDO *et al.*, 2016; COSTA *et al.*, 2016; SANTOS *et al.*, 2018; MALDONADO; SOARES; SCHIAVON, 2019).

Outros 03 artigos trouxeram pontos de vista com enfoque nos discentes da Educação Básica (SERON *et al.*, 2008; LIMA *et al.*, 2015; ACACIO; VENDITTI JUNIOR, 2016) e um estudo da Educação Superior (BATISTA *et al.*, 2020). A partir de intervenções com aplicação de questionários, entrevistas e observações, buscaram desvelar principalmente os efeitos e percepções que determinada abordagem ou a própria GPT gerou nos alunos, com destaque para as possibilidades lúdicas e de criação. Reflexões sobre a GPT como uma disciplina a ser vivenciada e legitimada na EF escolar são também desencadeadas ao Paula *et al.* (2020) descreverem e contextualizarem sobre um Festival de Ginástica escolar.

Sobre formação docente inicial (PIZANI *et al.*, 2009; FERREIRA *et al.*, 2015; LOPES *et al.*, 2015; CAETANO *et al.*, 2015; COSTA; GOMES, 2020) e continuada (FERREIRA; RODRIGUES, 2014; GONÇALVEZ *et al.*, 2018) na relação com a GPT, encontramos um quantitativo expressivo, 07 estudos. Alguns destacam o contexto dos graduandos em EF, suas preferências gímnicas e nível de conhecimento, no ensino ou na extensão, que reconhecem a importância da GPT. Notamos a tendência dos estudos em descrever as experiências dos sujeitos e citar os desafios encontrados, principalmente na sua realização em escolas.

Bem próximo dos aspectos discutidos nos artigos anteriores, um grupo de estudos bibliográficos, constituído de propostas didático-pedagógicas, primam pelos conceitos de diversidade cultural, questões sociais, integração e respeito (OLIVEIRA; LOURDES, 2006; MAROUN, 2015), assim como também ensaios reflexivos que sustentam que a base inclusiva da GPT pode subsidiar a formação integral do aluno (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020; TOLEDO, 2020) em qualquer nível de ensino. Por fim, cabe destacar um único estudo que tratou da Educação infantil e sua relação com a GPT, Oliveira, Lopes e Nobre (2019), ressaltando ser esta uma temática ainda com poucos estudos.

LOCALIZAÇÕES DAS PESQUISAS EMPÍRICAS

Quanto à localização onde as pesquisas empíricas foram realizadas, temos 16 localidades com um total de 17 artigos.

Como descrito no Quadro 02, na região sudeste, 05 localidades se destacam: Rio de Janeiro (RJ); Diamantina (MG); São Paulo, Bauru e Rio Claro (SP). Na região sul, 02 localidades, sendo 02 estudos em Maringá (PR) e 01 em Pelotas (RS). A região centro-oeste exalta o estado de Goiás, nas cidades de Catalão, Anápolis e Jataí e o estado do Mato Grosso, na cidade de Barra do Garças. Na região nordeste, 02 pesquisas, uma em Fortaleza (CE) e outra em Natal (RN). Belém (PA) foi o único destaque na região norte. Contabilizamos 02 estudos que não informam o local onde foram realizados.

Quadro 02 – Localizações das pesquisas

Região	Estado	Localidades	Artigos
Sudeste	SP	03	05
	MG	01	
	RJ	01	
Nordeste	RN	01	02
	CE	01	
Sul	PR	01	03
	RS	01	
Centro-oeste	GO	04	04
Norte	PA	01	01
Não localizados	-	02	02
Total	09	16	17

Fonte: os autores.

Em relação às instituições e seus autores envolvidos, a região sudeste é a que se encontra em destaque, seguida das regiões centro-oeste e sul, respectivamente. O desenvolvimento de pesquisas empíricas nessas regiões parece movimentado por investimentos no ensino, pesquisa extensão manifestada por instituições localizadas nessas regiões como UNICAMP - SP, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM – MG) e Universidade Federal de Goiás (UFG - GO).

As regiões sudeste e sul são descritas como de alto índice econômico e de investimento refletindo nas suas instituições e pesquisas por elas realizadas. Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2016) revelam que os investimentos em pesquisas retornam para o estado como forma de avaliar e melhorar as perspectivas de políticas públicas e sociais e que a colaboração acadêmica está ligada ao desenvolvimento regional.

Para os dados aqui analisados a região centro-oeste parece uma exceção, entretanto, seu destaque nas pesquisas se dá, em especial, pelo investimento pedagógico e teórico no campo da GPT manifestado por docentes dessa região, através, por exemplo, do PIBID da UFG.

DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO NO TERRITÓRIO NACIONAL

Procuramos também identificar, geograficamente, a distribuição da produção de GPT escolar de acordo com o local das instituições que abrigavam as autorias responsáveis pela produção.

Quadro 03 - Distribuição da produção por região

Sudeste	SP	09*	13**
	MG	04*	
	RJ	02*	
Nordeste	RN	02*	03**
	CE	02*	
Sul	PR	02	03
	RS	01	
Centro-oeste	GO	03	04**
	MT	01	
Norte	PA	01	02**
	RO	01	
Total			23

* Estudo feito em parceria entre instituições de estados diferentes de mesma região, sendo contabilizado apenas uma vez no total por região.

** Estudo feito em parceria entre instituições de estados diferentes de regiões distintas, sendo contabilizado só uma vez no total.

Fonte: os autores.

Em destaque, apontamos a região sudeste que abriga as instituições de ensino que mais produzem artigos sobre GPT escolar no contexto nacional. Grande parte dessas publicações advém de duas universidades que dividem o primeiro lugar no quantitativo produzido. São elas: a UNICAMP e a UFVJM, cada uma com 04 publicações. A relevância da região sudeste no panorama da produção e desenvolvimento da GPT já foi relatada na literatura. Carvalho *et al.* (2018), numa pesquisa bibliográfica, revisaram as 08 edições de 2001 a 2016 do Fórum Internacional de GPT, e identificaram as regiões sede das instituições que mais publicaram no evento, sendo, respectivamente: sudeste, nordeste, norte e centro-oeste.

Toledo e Silva (2020) também reforçaram a importância da região sudeste, pois se constitui como uma das regiões mais desenvolvidas nos vários territórios da GPT, dentre eles, o federativo, o acadêmico e o comunitário. Outra evidência seria o fato de apenas 04 estados brasileiros possuírem um comitê de GPT frente à Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), sendo dois deles na região sudeste, estados de São Paulo e Rio de Janeiro, um no centro-oeste, Mato Grosso do Sul, e um no Nordeste, Ceará (PATRÍCIO; BORTOLETO; TOLEDO, 2020).

Sobre as regiões sul, norte, nordeste e centro-oeste podemos dizer que a produção de GPT no contexto escolar está equiparada, com pequenas diferenças que não são significativas para que estabeleçamos uma ordem. Entretanto, ressaltamos que o mesmo não se aplica ao contexto geral das publicações da GPT, pois, apesar de a região sudeste ainda se destacar como o principal, verificamos um nivelamento entre nordeste, centro-oeste e sul, enquanto a região norte foi a de menor destaque.

Tratando do contexto escolar, apesar do panorama da produção parecer contar com a contribuição de todas as regiões do Brasil, quando olhamos para a quantidade de estados envolvidos não temos a mesma sensação. Apenas 11 dos 27 estados que constituem nosso país participaram da produção de GPT escolar, o que corresponde a menos da metade. Tudo isso nos

mostra a necessidade de avançar as conquistas sobre os “territórios” da GPT (TOLEDO; SILVA, 2020) por todo o país, em especial, sobre o campo educacional.

OS SUJEITOS ENVOLVIDOS

Ao analisarmos o perfil amostral da produção de GPT escolar com relação aos sujeitos envolvidos nas investigações, não foi possível traçar proporcionalidades e comparações seguras entre faixas etárias, gêneros e quantidades, pois parte dos estudos não identificam essas características. Entretanto, ressaltaremos a seguir aquilo que foi possível identificar.

Apesar de termos 05 estudos que não identificaram gênero e quantidade dos sujeitos envolvidos nas 17 investigações de cunho empírico, contabilizamos um total de 533 sujeitos, dentre eles: estudantes, professores e estagiários da Educação Básica. Desses, 316 são do gênero feminino, 93 do masculino e 114 não tiveram o gênero identificado.

Outro dado que emergiu de nossas buscas foi o perfil de gênero das autorias envolvidas na produção de GPT escolar. Notamos a predominância do gênero feminino. Foram identificadas 52 autoras que participaram da produção de 20 artigos e 18 autores que participaram da realização de 12 artigos. Esse dado nos mostra o que a história já nos conta, o atrelamento cultural do público feminino com as práticas artísticas e de demonstração somado ao preconceito enraizado historicamente, ao machismo estrutural e à esportivização da escola que, possivelmente, dificultam que a cultura da prática gímnica seja alcançada pelo público masculino.

Por exemplo, podemos citar a GR que ainda nos dias de hoje só pode ser praticada competitivamente pelo público feminino. Da mesma forma, assinalaram Paula *et al.* (2020) e Carbinatto, Soares e Bortoleto (2016) sobre a maior presença feminina em um festival ginástico e apontaram o desejo de aumentar a participação masculina nos mesmos.

Em uma perspectiva histórica e cultural, remetendo-se à época do império brasileiro, Alonso (2003) ressalta as expectativas para o corpo feminino pautado em formas específicas: quadril largo, uma estrutura óssea que ajudasse no parto e baixa definição muscular; expectativas essas que favoreceriam a essas mulheres serem pretendentes potenciais ao matrimônio pelo gênero masculino. A prática de esportes interpretados como agressivos ou violentos (futebol, lutas, atletismo, por exemplo) masculinizariam o corpo feminino, distanciando-o de um padrão hegemônico de feminilidade. Dessa forma, a prática corporal indicada naquela época para as mulheres era a ginástica ou a dança, pois valorizava a beleza, a fragilidade e a sutileza inerentes à construção cultural feminina e, ao mesmo tempo, conservava seus órgãos reprodutores.

Neste sentido, poderíamos falar de um imaginário social em relação ao corpo feminino (e às mulheres) que ainda atribui um lugar específico a ser ocupado por elas nas práticas corporais em sociedade e que parecem representadas nos dados evidenciados do público envolvido nos estudos sobre GPT no contexto escolar aqui descritos e analisados, assim como manifestam esses indícios quando verificamos uma prevalência de mulheres estudando e produzindo sobre essa vertente gímnica.

A respeito disso, ressaltamos o papel do professor de EF que atua na escola, cerne da formação social, onde é ele um dos agentes que possui as ferramentas e o momento oportuno para

auxiliar nessa democratização das ginásticas e rompimento com esses padrões pré-estabelecidos de construção do gênero em sociedade.

REFERÊNCIAS E CAMPOS TEÓRICOS

Andrade e Macias (2020) elencaram quais os referenciais foram mais acionados nos 34 estudos levantados sobre GPT envolvendo os campos educacionais e não educacionais. Ayoub (2003) foi referencial mais citado, seguido de Souza (1997), Paoliello (2008), Coletivo de Autores (1992) e Santos (2001). Considerando a ampliação dos estudos por nós encontrados, assim como nosso foco específico no contexto escolar para este trabalho, praticamente esses referenciais se mantêm como prioritários. Dos 23 artigos referentes ao contexto escolar, identificamos que o estudo de Ayoub (2003) é citado em 18 deles, da mesma forma que 08 artigos citam a tese de doutorado em EF da autora (AYOUB, 1998) que resultou na produção do livro. Souza (1997) se mantém também como segunda obra mais citada, em 12 publicações, seguido de Paoliello (2008) com 08 indicações e o Coletivo de Autores (1992) em 06 trabalhos. Santos (2001) é citado em 02 artigos, diferente de Andrade e Macias (2020) que aparece em 09, porém, cabe ressaltar que aqui avaliamos somente os estudos voltados para o contexto escolar e a obra de Santos (2001) destina-se à elaboração de coreografias e organização de festivais, parecendo-nos mais direcionado ao contexto não escolar.

Também com 06 indicações, Barbosa-Rinaldi (2005) e os PCN – EF (BRASIL, 1998) são referenciais apontados que, como o Coletivo de Autores (1992), enfatizam caminhos norteadores para a prática profissional na EF, assim como bases para uma estruturação curricular da Educação Básica ao Ensino Superior.

Os dados acima descritos nos mostram que no recorte temporal levantado entre 2004 e 2020 em relação a publicações sobre GPT no contexto escolar evidencia-se a prevalência de referenciais teóricos datados dos anos de 1990 e início dos anos de 2000, demarcando a relevância e atualidade desses trabalhos e autorias para a construção dessa área de conhecimento. Neste trajeto observamos uma forte influência do Movimento Renovador da EF que, para além do Coletivo de Autores (1992), transita entre bases teóricas de autorias (Carmen Lúcia Soares, Valter Bracht e Elenor Kunz) que marcaram os anos de 1980 e 1990 ao colocarem em suspensão os princípios do paradigma da aptidão física que tanto influenciou e influencia a EF brasileira (BRACHT, 1999).

Neste entorno e enfatizando a produção de conhecimento no campo da ginástica, os estudos também destacam personalidades significativas para essa área de conhecimento em produções individuais ou coletivas em diversas modalidades (livros, capítulos, artigos, trabalhos completos publicados em eventos etc.) evidenciando também, para além dos já citados, Jorge Pérez Gallardo, Vilma Nista-Piccolo, Marco Bortoleto, Mariana Tsukamoto, Myrian Nunomura, Michele Carbinatto, dentre outros.

Contextualizar a GPT no contexto educacional numa perspectiva progressista e/ou crítico-superadora, exaltando a possibilidade de uma prática pedagógica transformadora – inspirada na teoria freireana – é um aspecto recorrente no material estabelecendo uma relação muito proximal dessa produção com a vertente das teorias críticas do conhecimento, em sua maioria, ancoradas no pensamento marxista (SILVA, 2007). Por outro lado, ainda timidamente, indícios de se refletir sobre a GPT dentro das teorias pós-críticas insurge no material nos estudos de Maroun (2015) e

Maldonado, Soares e Schiavon (2019) ao se sustentarem na produção de Marcos Neira que investe na reflexão da EF dentro das teorias pós-críticas ancorado fortemente nos princípios dos Estudos Culturais. Isso indica novas possibilidades de construção de conhecimento no campo da ginástica escolar no sentido mais amplo, incluindo nessas reflexões outros demarcadores de exclusão (gênero, raça, etnia, geração, sexualidade etc.) além das importantes problematizações desencadeadas pelas questões de classe social levantadas pelas teorias críticas que se fazem atuais (SILVA, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nosso objetivo de realizar um estado da arte sobre a GPT no contexto escolar, construindo um “inventário” sobre o tema, destacamos as conclusões extraídas a partir das análises e discussões do material levantado.

Primeiramente, em um panorama geral, entre os anos de 1979 e 2020, identificamos 69 publicações advindas de 16 dos 21 periódicos nacionais de EF e áreas correlatas pesquisados. As revistas que mais publicaram sobre o tema foram a *Conexões*, com 32 artigos, e a *Corpoconsciência*, com 16. Na sequência, *Motrivivência* e a *Pensar a Prática*, com 03 artigos cada. Sobre a revista *Conexões* já tínhamos conhecimento de sua importância para a área da GPT, porém, nos importa ressaltar a relevância que possuem outros periódicos na produção nessa área.

A maioria dos estudos focam o contexto não escolar (49,3%), o que se alinha com a mesma prevalência encontrada em outros estudos por nós identificados. Por outro lado, a porcentagem de estudos sobre GPT no contexto escolar (33,3%) se mostrou bem acima da média das pesquisas citadas. Também definimos um terceiro grupo (17,4%), cujos artigos ondulam entre o contexto formal e o não formal da Educação.

O primeiro estudo encontrado data de 1992, porém, as pesquisas seguintes começaram a aparecer somente a partir de 2004 e o real incremento na produção só ocorreu a partir de 2012, atingindo seu pico em 2015 e 2020.

Ao priorizamos as análises e discussões nos 23 artigos de GPT do contexto escolar, em linhas gerais, grande parte das publicações tem como sujeitos docentes e discentes da Educação Básica, com prevalência do gênero feminino, ainda que vários estudos não nos tenham permitido identificar o gênero dos envolvidos. Por outro lado, no que se refere às autorias, evidencia-se maior número de autoras, demarcando uma histórica relação entre feminilidade e ginástica.

A maioria desses estudos sustenta-se na análise de dados empíricos, construídos a partir de questionários, entrevistas e observação, sendo exaltada uma natureza qualitativa e de base teórica crítica, o que nos parece fortemente influenciado pelo caráter pedagógico, não competitivo e inclusivo da GPT.

Como já era sinalizado por outras pesquisas, identificamos a região sudeste como a principal na produção de GPT escolar no Brasil, com 13 publicações, evidenciando a UNICAMP e a UFVJM. Apesar de tímida, nas demais regiões notamos um equilíbrio na produção. Este panorama foi também observado quando lançamos o olhar para as localidades onde os estudos empíricos foram realizados.

Ao elencar os referenciais mais citados nos estudos, encontramos Ayoub (2003), Souza (1997), Paoliello (2008), Coletivo de Autores (1992), Barbosa-Rinaldi (2005), PCN – EF (1997) e Santos (2001); situando essa produção numa perspectiva progressista e/ou crítico-superadora, exaltando práticas pedagógicas transformadoras, estabelecendo uma relação muito proximal com a vertente das teorias críticas do conhecimento, em sua maioria, ancoradas no pensamento marxista.

Dessa forma, ao analisarmos os estudos de GPT no contexto escolar, percebemos indícios que podem contribuir para uma ressignificação tanto da forma como é trabalhada a ginástica na escola – que às vezes é reduzida a apoios, abdominais e corridas levando os alunos a detestarem a aula – como da própria EF, pois se trata de uma prática que converge em si enorme gama de manifestações culturais, dinâmicas coletivas, sociais e democráticas, assim como movimentos técnicos e habilidades básicas que constituem as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças, as lutas e o teatro. Também faz parte do ensino da GPT a valorização da cultura local e as problematizações de conflitos surgidos dela, confrontando diretamente o contexto social restrito criado pelo princípio da aptidão física, pois, é inerentemente inclusiva e adaptável aos mais variados perfis de seres humanos que possam desejá-la. Sendo assim, reconhecemos que esses estudos têm o potencial de contribuir para legitimação da GPT na EF escolar, na medida em que o entendimento sobre essa prática se distancia do ideal atlético e se aproxima do ideal humano.

Por fim, nessa pesquisa, selecionamos apenas artigos publicados em periódicos, o que impôs certas limitações, como a possibilidade de estabelecermos uma maior abrangência de produções da área da GPT, como, por exemplo, considerar as publicações dos anais do FIGPT, que é o principal evento científico da área. Da mesma forma, considerar os livros que foram produzidos sobre GPT no Brasil no período de 1980 a 2020. Tudo isso possibilitaria termos realizado um estado da arte mais fiel ao real cenário da GPT escolar no Brasil. Assim, provocamos os pesquisadores da área para que no futuro possam melhorar cada vez mais a precisão de pesquisas de estado da arte sobre a GPT.

REFERÊNCIAS

ACACIO, Marcos G. S.; VENDITTI JUNIOR, Rubens. Atividades expressivas inclusivas: um relato de experiência sobre o ensino da Ginástica Para Todos no âmbito escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 55-68, mar. 2016. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2215> Acesso em: 10 abr. 2021.

ALONSO, Luiza K. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: SIMÕES, Antônio C. (Org). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. Barueri: Manole, 2003. p. 35-48.

ANDRADE, Welison A. G.; MACIAS, Céres C. C. Ginástica para todos: estado da arte dos artigos publicados em periódicos brasileiros no período de 1980 a 2018. **Revista Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 1, p. 35-40, mar. 2020. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23590>. Acesso em: 14 abr. 2021.

AYOUB, Eliana. **A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar**. 1998. 186 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. São Paulo: Unicamp, 2003.

BARBOSA-RINALDI, Ieda P. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física: encaminhamentos para uma estruturação curricular.** 2019. 232f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Educação Física, Campinas, SP, 2005.

BATISTA, Melina S. *et al.* Ginástica Para Todos: questões sobre uma experiência de aprendizagem crítica. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 1, p. 194-204, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/9824>. Acesso em: 6 abr. 2021.

BETTI, Mauro; FERRAZ, Osvaldo L.; DANTAS, Luiz E. P. B. T. Educação Física Escolar: estado da arte e direções futuras. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n. (esp.) p.105-15, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/fXMBxzhw98N3yfWyZfMhxDf/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

BEZERRA, Liudmila A. *et al.* A Ginástica para Todos na formação inicial: do contexto histórico à produção do conhecimento. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 3, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/32966>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 114p.

CAETANO, Ana P. F. *et al.* Vivenciando ginástica: analisando as preferências gímnicas na disciplina ginástica geral do curso de educação física da Universidade Federal do Ceará. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. Esp., p. 197–210, maio 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637584>. Acesso em: 30 mar. 2021.

CARBINATTO, M. V. *et al.* Produção do conhecimento em ginástica: uma análise a partir dos periódicos brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1293-1308, out./dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/61223>. Acesso em: 10 set. 2020.

CARBINATTO, Michele V.; SOARES, Daniela B., BORTOLETO, Marco A. C. Gym Brasil-Festival Nacional de Ginástica para todos. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 28, n. 49, p. 128-145, dez. 2016. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n49p128>. Acesso em: 22 de mar 2021.

CARVALHO, Kássia M. C. *et al.* A divulgação científica no Fórum Internacional de Ginástica Para Todos. **Conexões**, Campinas, SP, v. 16, n. 4, p. 488–508, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654009>. Acesso em: 2 abr. 2021.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Andrize R. *et al.* Ginástica na escola: por onde ela anda professor? **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 4, p. 76–96, out./dez. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648071>. Acesso em: 30 mar. 2021.

COSTA, Andrize R.; GOMES, Catarina P. Ginástica Geral na BNCC: percepção de alunos de licenciatura em educação física. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 1, p. 142-152, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/9903>. Acesso em: 5 abr. 2021.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (Suíça) (ed.). Ginástica Para Todos. 8 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-gfa.php>. Acesso em: 30 jan. 2021.

FERREIRA, Andreia. C. P. *et al.* A ginástica geral na intervenção do PIBID de educação física numa perspectiva de formação cultural e inclusão social. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. Esp., p. 1-26, maio 2015. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637573>. Acesso em: 28 mar. 2021.

FERREIRA, Diego F.; ALMEIDA, Wallace N., FRANCO, Neil. A ginástica artística em periódicos brasileiros (1979-2016). **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 194-213, jul./dez. 2019. Disponível em <file:///C:/Users/Neil/AppData/Local/Temp/26703-85713-1-PB.pdf> Acesso em 03 mar. 2021.

FERREIRA, Fabricio G.; RODRIGUES, Minéia C. A prática pedagógica da Ginástica Geral nas escolas públicas de Barra do Garças (MT). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 65-79, jul./dez. 2014. Disponível em:

<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/4937>. Acesso em: 14 abr. 2021.

FERREIRA, Norma S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade**. Campinas, SP, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, I, 2001, Campinas. Anais [...].

Campinas, SP: Paolliello e Ayub, 2001. 202 p. Tema: Ginástica Geral. Disponível em:

<https://www.forumgpt.com/2020/arquivos/anais/01-forum-internacional-de-ginastica-geral-2001.pdf#page=29>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GALLARDO Jorge S. P. *et al.* A experiência de implantação da proposta multicultural (ginástica para todos com orientação pedagógica). **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 4, p. 97-120, out./dez. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648072/14929>. Acesso em: 28 mar. 2021.

GALLARDO, Jorge S. P. A educação física escolar e a ginástica geral com sentido pedagógico. In: PAOLIELLO, E. (Org.). **Ginástica geral: experiência e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008. p. 55-78.

GAMA, Leonardo R. Ginástica e ética na escola: apontamentos para compreender a convivência humana. **Conexões**, Campinas, v. 10, p. 144-161, dez. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637667>. Acesso em: 29 mar. 2021.

GONÇALVEZ, Viviane O.; ASSIS, Renata M.; LOPES, Caroline R. A prática pedagógica da Ginástica Para Todos no âmbito escolar. **Revista Educere Et Educare**, Cascavel, v. 13, n. 27, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/view/18275>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 205 p.

KAUFFMAN, Alessandra P. *et al.* A produção do conhecimento em ginástica para todos: uma análise em teses e dissertações de 1980 a 2012. **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648058/14919> Acesso em: 15 mar. 2021.

LIMA, Leticia B. Q. *et al.* A ginástica geral no ensino fundamental na cidade de Rio Claro/SP: a perspectiva dos alunos. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. Esp., p. 27–38, maio 2015. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637574/pdf_38 Acesso em: 28 mar. 2021.

LOPES, Priscila *et al.* Ginástica para todos e literatura: realidade, possibilidades e criação. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. Esp., p. 144–163, maio 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637581>. Acesso em: 30 mar. 2021.

MALDONADO, Daniel T.; SOARES, Daniela B.; SCHIAVON, Laurita M. *et al.* Educação Física no ensino médio: reflexões e desafios sobre a tematização da Ginástica. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 31, n. 60, p. 01-19, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e56559>. Acesso em: 8 abr. 2021.

MAROUN, Kalyla. Ginástica Geral e Educação Física escolar: uma possibilidade de intervenção pautada na diversidade cultural. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 19, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1928>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MAROUN, Kalyla; CORREA, Cláudia X. **Ginástica para todos**. Juiz de Fora: CEAD/UFJF, 2014.

MENEGALDO, Fernanda R.; BORTOLETO, Marco A. C. Ginástica para todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso? **Conexões**, Campinas, v. 18, p. e020014, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8659110>. Acesso em: 2 abr. 2021.

OLIVEIRA, Michelly T.; LOPES, Priscila; NOBRE, Juliana N. P. Ginástica na educação infantil: uma análise das publicações do Fórum Internacional de Ginástica Para Todos. **Conexões**, Campinas, SP, v. 17, p.1-19, e019010, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653360>. Acesso em: 1 abr. 2021.

OLIVEIRA, Nara R. C., LOURDES, Luiz F. C. Ginástica geral na escola: uma proposta metodológica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 221–230, 2006. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/97/2352>PAOLIELLO, Elizabeth. (Org.). **Ginástica geral: experiência e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

PATRÍCIO, Tamiris L.; BORTOLETO, Marco A. C.; TOLEDO, Eliana. Institucionalização da ginástica para todos no Brasil: três décadas de desafios e conquistas (1988-2018). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/61240>. Acesso em: 19 abr. 2021.

PAULA, Marcos V. G. *et al.* A Ginástica Para Todos no interior goiano: reflexões sobre o VII Festival de Ginástica da Rede Municipal de Ensino de Anápolis. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 1, p. 122-141, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/9708>. Acesso em: 5 abr. 2021.

PIZANI, Juliana *et al.* Formação inicial em educação física na cidade de Maringá: a ginástica geral em questão. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.4 p.900-910, out./dez. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3195>. Acesso em: 13 abr. 2021.

RAMOS, Eloisa S. H.; VIANA, Helena B. A importância da ginástica geral na escola e seus benefícios para crianças e adolescentes. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 9, n. 13, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=210&layout=abstract>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SANTOS, José C. E. **Ginástica Geral: elaboração de coreografias, organização de festivais**. Jundiaí; SP: Fontoura, 2001.

SANTOS, Thyago T. S. *et al.* A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Conexões**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 450–467, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653973>. Acesso em: 1 abr. 2021.

SERON, Taiza *et al.* A ginástica na educação física e o ensino aberto. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 115-125, 13 maio 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3268>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SIDONE, Otávio J. G.; HADDAD, Eduardo A.; MENA-CHALCO Jesús P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **TransInformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-31, jan./abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n1/0103-3786-tinf-28-01-00015.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2021.

SILVA, Deyse O. *et al.* O estado da arte da ginástica nos anais do Fórum Internacional de Ginástica Geral de 2001 a 2012. **Conexões**, Campinas, SP, v. 13, n. Esp., p. 211–229, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637585>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 154 p.

SOUZA, Elizabeth P. M. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da Educação Física. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

TOLEDO, Eliana. Estudos e experiências sobre a Ginástica Para Todos e Paulo Freire. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 3, p. 47-62, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10984>. Acesso em: 8 abr. 2021.

TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula C. C. A Ginástica para Todos e suas territorialidades. **Corpoconsciência**, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 71-82, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10092>. Acesso em: 19 abr. 2021.